

## **CLARITA NO COLÉGIO: ENTRE A LITERATURA DE CUNHO MORALIZANTE E A FONTE HISTÓRICA**

PRISCILA KAUFMANN CORRÊA (FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UNICAMP).

### **Resumo**

Este trabalho apresenta a obra “Clarita no Colégio”, de Maria Clarice Marinho Villac, em suas dimensões literária e histórica. “Clarita no Colégio” é um livro voltado para o público infantil e juvenil, publicado em 1945 pela Editora Cristo–Rei e que fez muito sucesso na época. O livro foi republicado em 2008 pela Editora Lacruce, baseado em seu sucesso anterior. Além de sua linguagem envolvente e seu tom moralista, o livro reconta a trajetória escolar da autora, a Clarita, sendo permeado por lembranças e saudades. Maria Clarice estudou no Colégio Progresso Campineiro no período de 1914 a 1920. Esta instituição existe até hoje e foi fundada em 1900 por cinco campineiros ilustres – entre eles Orosimbo Maia – e que buscavam suprir a cidade com um estabelecimento de ensino laico para meninas da elite. Clarita foi interna deste colégio, mostrando-se uma aluna geniosa e indisciplinada. O comportamento de Clarita é mostrado como negativo e suas faltas eram punidas com diversos castigos e sermões, que aos olhos da autora se mostraram adequados. Uma figura importante que estimulou Clarita a se comportar bem foi Dona Emília de Paiva Meira, a diretora da escola, que procurava inspirar a aluna ao bom comportamento por meio da fé religiosa. O tom moralista do livro se dá pela descrição de diferentes momentos religiosos e conselhos baseados na religião que a autora fornece. Além de ser uma leitura agradável, o livro traz o cotidiano de um internato feminino no início do século XX e que, apesar de ser laico, possui uma forte tônica religiosa, compreendida como um fator necessário à disciplina e à moralização das alunas, futuras mães e esposas na sociedade. Neste sentido, “Clarita no Colégio” se mostra uma fonte documental bastante rica para a compreensão deste universo escolar. \* pesquisa orientada pela prof<sup>a</sup> dr<sup>a</sup> Maria do Carmo Martins.

### **Palavras-chave:**

Educação feminina, Ensino religioso, Colégio Progresso.

A literatura infanto-juvenil é um campo rico para muitas pesquisas, discussões e reflexões, procurando compreender a sua produção e a forma como ela é ou pode ser utilizada em sala de aula. Este trabalho não se limita em compreender a dimensão educativa de uma obra específica voltada para o público infantil e juvenil. *Clarita no Colégio* é aqui analisada como uma obra literária de cunho autobiográfico, que por este motivo apresenta interessantes perspectivas de estudo, inclusive como fonte histórica.

O livro de autoria de Maria Clarice Marinho Villac, que assinava com o pseudônimo de Violeta Maria, se mostrou um grande sucesso nas décadas de 1940 e 1950, tornando-se um concorrente forte das obras

de Monteiro Lobato. O texto leve e envolvente encantou muitas crianças e é lembrado por muitos adultos com saudades. A republicação da obra em 2008 procurou resgatar este “sucesso literário” e apresentá-lo às novas gerações.

*Clarita no Colégio*, contudo, é mais do que um livro que relata as travessuras de uma menina na escola, mas um registro apaixonado de uma aluna que vivenciou um internato nas primeiras décadas do século XX. O *Colégio*, que é o espaço principal desta narrativa, realmente existiu e ainda existe na cidade de Campinas, SP. Trata-se do Colégio Progresso Campineiro, uma tradicional instituição de ensino fundada em 1900 para a formação feminina.

O Colégio Progresso se mostrou um espaço fundamental para a formação de Clarita, pois ela aprendeu a controlar seus impulsos e não ser tão geniosa, adequando-se a uma postura mais obediente e virtuosa, elementos fundamentais da educação feminina. Neste trabalho procura-se compreender melhor esta instituição apresentada pela autora, sem perder de vista o contexto em que o livro foi produzido.

### **Lembranças publicadas: as obras de Violeta Maria**

*Clarita no Colégio* é o último livro de uma trilogia publicada por Maria Clarice Marinho Villac. A autora publicou estes livros quando já era viúva e tinha cinco filhos para sustentar. A primeira obra deste conjunto é de 1937, intitula-se *Cinco travessos* e teve 44 mil exemplares, não sendo republicada posteriormente (VILLAC, 2008). O livro seguinte foi publicado em 1939, com o título de *Clarita da pá virada* e foi republicado na década de 1980 pela editora Fermata e,

posteriormente, em 2006, pela editora Lacruce. Esta editora relançou ainda *Clarita no Colégio* em 2008, sendo a primeira edição de 1945.

Os dois livros que têm *Clarita* como protagonista trazem as memórias de Maria Clarice em sua infância, vivenciada no meio familiar e, posteriormente, no âmbito escolar. O texto leve e fluído agradou muitos leitores. O sucesso com o público infantil e juvenil rendeu à autora uma homenagem da Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo em 1959 e em 1979 ela foi eleita Membro Honorário da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil.

Quando *Clarita no Colégio* foi publicado, a obra possuía um prefácio escrito por Maria José Dupré, escritora bastante conhecida da época, que atestava a boa qualidade dos livros:

*(...) são livros [Clarita da Pá virada e Clarita no Colégio] de uma moral sã, que inspiram sentimentos profundamente religiosos e só podem fazer bem auxiliar a formação do caráter de qualquer criança. Constituirão recurso precioso para pais e educadores cômnicos das suas responsabilidades de educar e divertir.*

(DUPRÉ in VIOLETA MARIA, [s.d.], *Prefácio*).[1]

Dupré destaca o valor moral das obras, apontando que este tipo de literatura se mostraria muito salutar às crianças, por oferecer um bom exemplo por meio das histórias. A literatura infanto-juvenil é aqui identificada como um recurso utilizado para moldar o caráter dos jovens leitores, sendo este seu elemento fundamental e não seu valor como literatura.

Após a década de 1980, quando os livros foram redescobertos e republicados, a obra da autora caiu em esquecimento. Os próprios livros tornaram-se escassos, apesar de serem lembrados pelas gerações

que os leram. Os livros de Maria Clarice, sobretudo os que trazem Clarita, apresentam algumas peculiaridades com relação à produção literária para o público infantil que começava a ganhar forças no país nas décadas de 1920 e 1930.

Coelho (1991, p. 241) esclarece que nas décadas de 1930 e 1940 a produção literária para o público infantil privilegiava as informações úteis e elementos para a formação cívica em detrimento do nível literário das obras, que perdiam muito em beleza. A autora confere grande destaque à obra de Monteiro Lobato, como um ícone da literatura infanto-juvenil no país. Na produção deste período Coelho ainda salienta o antagonismo existente entre a literatura de cunho realista e aquela mais fantasiosa, que estimula a imaginação (idem, p. 142), presente na obra de Lobato.

Lajolo e Zilberman destacam a tônica nacionalista destas obras, que permanece nas décadas de 1940 e 1950, ao lado de uma tentativa de afastamento da vulgarização e da cultura popular (1993, p. 126). Além disso, os espaços explorados pela literatura infantil neste período se dividem entre o meio rural, que representa o passado e a tradição, e o meio urbano, sinônimo do progresso e do desenvolvimento que o país buscava alcançar. Neste sentido, as autoras identificam o alinhamento da literatura do período às classes dominantes (idem, p. 132), sem buscar um rompimento com este ciclo.

Os livros de Maria Clarice Marinho Villac apresentam o mundo rural pelas fazendas que a sua família possuía no interior do estado de São Paulo. A família representa os proprietários de terra outrora abastados, mas que começam a buscar novas formas de atuação no meio urbano, como é o caso do pai de Clarita, que trabalhava para uma companhia de energia elétrica. O espaço urbano na vida de Clarita se restringe ao colégio, que se localiza em Campinas, mas a

circulação pela cidade é restrita, posto que a menina vive e estuda em um internato.

As travessuras vivenciadas por Clarita dão um toque especial aos livros, em cenas cômicas que nem sempre possuem um desfecho alegre para a protagonista. As travessuras são seguidas de castigos ou sermões dos adultos, procurando disciplinar a menina. Lajolo e Zilberman identificam como nas décadas de 1940 e 1950 as crianças perdem sua vivacidade e humor nas histórias, sendo reprimidas pelos adultos (1993, p. 130). Este processo também pode ser percebido nos livros de Clarita, pois a menina que possui um gênio considerado “vivo demais” acaba sendo disciplinada, principalmente quando ingressa na escola e lá permanece por seis anos.

Se por um lado as obras de Maria Clarice Marinho Villac se diferenciam daquelas produzidas no período por se utilizarem das memórias da própria autora, permanece a crença de que a literatura para os públicos infantil e juvenil carece de um caráter educativo. É curioso como uma autobiografia seja destinada aos pequenos leitores, mas que não perde seu tom moralista, procurando inspirar um bom exemplo nas crianças, como Maria José Dupré destacava no prefácio de *Clarita no Colégio*.

O livro *Clarita da pá virada* relata primordialmente a vida no campo, na qual a protagonista se mostra uma criança peralta. Nesta obra Maria Clarice relata sua infância nas fazendas da família, apresentando seus familiares e as crianças que a acompanhavam em suas brincadeiras e confusões. Nesta fase da vida a menina chega a frequentar a escola, aprendendo elementos do catecismo, a leitura e a escrita. O ingresso definitivo no universo escolar se dá no final do livro, quando Clarita toma o trem para Campinas, cidade de sua nova escola.

Este deslocamento marca uma nova fase na vida de Clarita, que deixa para trás a infância repleta de brincadeiras para dedicar-se aos estudos. A vida no colégio não se mostra fácil, pois Clarita precisa aprender a controlar seus impulsos e adequar-se às regras do internato. Neste sentido, é possível afirmar que *Clarita no Colégio* é um romance de formação, similar às obras *Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe, *Lienhard und Gertrud*, de Johann Pestalozzi, ou mesmo *Emílio ou Da Educação*, de Rousseau, analisados por Freitag (1994). Nestes romances de formação a autora percebe o entrelaçamento entre a literatura e a educação, marcante nestas obras produzidas na segunda metade do século XVIII. Este romance possui a característica de relatar a trajetória de aprendizagem de um personagem. Elementos marcantes desta obra são as viagens, as provas ou tentações, a biografia ou autobiografia e o aprendizado (p. 68). O aprendizado do protagonista do romance de certa forma deveria inspirar o leitor em sua própria formação.

Freitag se utiliza do termo “cronotopia”, proposto por Bakhtin, ao analisar estes romances, que procura dar conta do tratamento dado pelo autor da obra à temporalidade e ao espaço do romance e como os protagonistas se formam nestas dimensões (idem, p. 71). No caso de *Clarita no Colégio*, a protagonista vivencia o cotidiano do internato, que se mostra ao mesmo tempo um espaço agradável e regado e que procura controlar os movimentos das alunas. É neste espaço que a menina muito geniosa e travessa aprende a controlar seus movimentos e vontades.

Clarita frequentou a escola no período de 1914 a 1920, época em que nem todas as meninas de sua idade podiam ingressar na escola. A obra, contudo, é publicada na década de 1945, quando a escolarização se expandia e era vista como necessária tanto para meninas, quanto para meninos. O livro deveria, pois, circular por

crianças que frequentassem o espaço escolar e assim elas poderiam tirar um aprendizado valioso para suas próprias vidas. Neste aspecto é interessante notar como a literatura infantil se vincula não somente à concepção de infância, isto é, de um público específico, diferente do adulto, mas de um leitor que se encontra em um determinado espaço de socialização, que é a instituição escolar.

Enquanto nas obras de Goethe, Rousseau e Pestalozzi analisadas por Freitag os protagonistas vivenciam seu aprendizado no mundo, em viagens ou no local em que moram, Clarita se encontra em um lugar especial destinado para crianças e criado especificamente para sua formação. E a obra de Clarita deve circular pelas crianças que frequentam este meio, posto que é na escola que elas aprendem a leitura e a escrita, além de possuírem familiaridade com este ambiente reconstruído por Clarita.

Outra peculiaridade da obra é o fato da autora utilizar-se de sua própria experiência escolar como material para o seu trabalho. Não se trata de uma trajetória criada para servir de exemplo, mas de um relato real que é recontado pela autora com tonalidades suaves e encantadoras e que se destina ao público infantil e juvenil. As memórias de Maria Clarice Marinho Villac foram tecidas pensando nos jovens leitores, que têm seus primeiros contatos com livros e que deles devem tirar alguma lição. *Clarita no Colégio* se mostra, pois, uma obra singular entre os livros de literatura infanto-juvenil e traz à tona um espaço que se tornou fundamental para a formação das novas gerações: a instituição escolar.

A escola na qual Clarita estudou ainda existe e devido a um trabalho de levantamento e referenciamento de fontes históricas do colégio ele pôde ser recuperado em meio à documentação, revelando-se uma rica fonte para a compreensão do passado desta instituição.

## **Papéis empoeirados: o acervo histórico do Colégio Progresso Campineiro**

O livro *Clarita no Colégio* foi encontrado no acervo do Colégio Progresso no ano de 2005 em meio aos muitos documentos levantados durante a minha pesquisa de iniciação científica. Este trabalho foi iniciado em 2004 e deu origem ao meu trabalho de conclusão de curso *Decifra-me ou te devoro: levantamento e análise das fontes sobre ensino religioso no Colégio Progresso Campineiro na Primeira República (1900-1937)*. O trabalho inicial com os documentos da escola se restringiu ao período investigado na pesquisa, mas a partir do segundo semestre de 2005 o financiamento do CNPq ao projeto *Memórias da educação escolar: cultura material e organização de arquivos escolares*, coordenado pelas professoras doutoras Maria do Carmo Martins e Heloísa Helena Pimenta Rocha do Centro de Memória da Faculdade de Educação da Unicamp permitiu a organização de todo o acervo.

Com este projeto foi possível transportar o material da sacristia da capela, onde os documentos estavam inicialmente guardados, para uma pequena sala aos fundos do Colégio. A colaboração do professor Rogério Xavier Neves permitiu a elaboração do organograma para a identificação e organização do acervo, neste momento englobando toda a documentação encontrada na sacristia, do período de 1900 a 2002.

O Colégio Progresso, à época mantido pelas Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas (Metrocamp), demonstrou



grande interesse nesta organização e apoiou a iniciativa, criando, assim, o Memorial do Colégio Progresso. Ao longo dos anos de 2006 e 2007 os documentos históricos foram separados e organizados seguindo o organograma, que foi adaptado à medida que os conjuntos de documentos foram analisados com mais cuidado. Também foram realizadas atividades envolvendo a comunidade escolar, destacando a importância e as possibilidades deste trabalho.

No mês de junho de 2008, contudo, o Colégio Progresso passou a ter um novo proprietário, o antigo sócio da Metrocamp, que decidiu suspender as atividades do Memorial. Atualmente o acervo encontra-se intacto, mas o trabalho de organização foi interrompido.

O acervo histórico da escola se mostra muito rico, por englobar documentos bastante diversificados, como livros de matrícula, livros de atas de exames e de notas, assim como correspondências pessoais de algumas diretoras, jornais, fotografias e prospectos de divulgação da escola. Em meio a estes materiais foi encontrado o livro *Clarita no Colégio*, publicado pela Editora Cristo-Rei, tratando-se provavelmente da primeira edição. O livro de 210 páginas possui uma capa dura de um verde marmorizado, sem informações. O pseudônimo de Violeta Maria ocultava a verdadeira identidade de Clarita, que foi descoberta em um outro documento. Tratava-se de um discurso da ex-aluna Maria Clarice Marinho Villac para o cinquentenário do Colégio Progresso datilografado em quatro folhas.

No discurso a ex-aluna relata as saudades de seus tempos de escola e principalmente, da falta que sentia da diretora, Dona Emília de Paiva Meira. A diretora foi a grande conselheira da aluna, que deu muito trabalho por ser bastante arteira. O tom do discurso levou a associar a fala de Maria Clarice com a narrativa de Clarita. Outros materiais, como o registro das notas e do ingresso de Maria Clarice na

Pia União das Filhas de Maria reforçaram a constatação de que Violeta Maria era, na verdade, Maria Clarice Marinho Villac.

Assim como o nome da narradora, os nomes de familiares, colegas e professoras foram substituídos, com exceção de Dona Emília, a diretora, que apenas teve o sobrenome omitido. A diretora possui um papel significativo na obra, sendo ela o grande exemplo para Clarita. Quando Maria Clarice ingressou na escola, ao doze anos de idade, Dona Emília já estava na direção há doze anos, possuía bastante experiência na administração daquela escola e preparava-se para erguer um novo prédio, que abrigasse as muitas alunas que faziam jus à fama da instituição.

### **O espaço da narrativa: Colégio Progresso Campineiro**

O Colégio Progresso foi fundado em 17 de outubro de 1900 e contou com a presença de cinco campineiros ilustres, todos fazendeiros de café, entre seus fundadores: Orosimbo Maia, Arthur Leite de Barros, Luis de Campos Salles, irmão do presidente Campos Salles, Antonio Álvaro de Souza Camargo e Joaquim Álvaro de Souza Camargo. Estes senhores desempenhavam importantes papéis políticos na cidade e se reuniram para criar a escola para meninas na Chácara Guanabara, na Avenida Barão de Itapura, escolhendo Dona Anna von Maleszewska para ser diretora, uma senhora austríaca com formação nas Universidades de Kiel e Nancy, na Alemanha e na França, respectivamente.

O Colégio Progresso deveria ser uma instituição de ensino diferenciada na cidade, por ser um internato destinado ao sexo feminino, e por ser laica, isto é, não era administrada por nenhuma ordem religiosa. As práticas religiosas, contudo, existiram desde a fundação, como um elemento necessário à moralização das alunas. Assim, havia um padre que lecionava o catecismo e realizava as primeiras comunhões. Posteriormente o colégio ganhou até mesmo uma capela para a celebração destes cultos.

Dona Anna representava o modelo europeu, tão admirado pelos brasileiros e que se mostraria adequado à formação das moças da elite campineira. A escolha, porém, não se mostrou muito boa, pois Dona Anna permaneceu apenas até 1902 à frente do colégio, sendo afastada por motivos não muito bem esclarecidos. Alguns registros dos primeiros anos do Colégio Progresso insinuam que a diretora austríaca não seria suficientemente rigorosa ao desempenhar seu papel. A presença de Dona Anna von Maleszewska no Colégio Progresso em Campinas ficou bastante apagada, diferentemente do que aconteceu com Dona Emília de Paiva Meira.

Dona Emília foi convidada por Orosimbo Maia para assumir a direção da escola, convite este que ela hesitou em aceitar inicialmente. Assumir uma instituição de ensino que tão cedo afastou sua primeira diretora podia se mostrar uma tarefa espinhosa. Dona Emília, contudo, aceitou este desafio e acabou permanecendo por 35 anos à frente deste estabelecimento, dedicando-se inteiramente a esta obra educacional e reforçando seu caráter religioso.

O Colégio que iniciara suas atividades em uma chácara em caráter improvisado acabou mudando de prédios, passando pelo Palacete Anhumas no Largo do Pará e pelo antigo edifício do Colégio Florence, na Rua José Paulino, até ser instalado em um prédio próprio à Avenida Júlio de Mesquita, no bairro Cambuí. O novo prédio passou a

ter laboratórios, salas para aulas de música, geografia e ciências naturais, dormitórios, refeitório, enfermaria e gabinete dentário, além de recreios, pomares e um bambuzal para momentos de recreação e estudos. O prédio fora finalizado em 1917, mas o terreno fora adquirido já em 1915. Clarita acompanhou esta transição e estudou no prédio novo, que continua funcionando até hoje.

Dona Emília Meira conseguiu, pois, tocar sua obra adiante, inclusive criando uma filial do Colégio Progresso em Araraquara em 1924. A diretora se mostrava preocupada com o futuro desta vultosa obra educacional e criou, em 1928, a Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas, que manteria os colégios em Campinas e em Araraquara. A participação nesta Sociedade, contudo, só estava aberta a mulheres católicas, solteiras e de moral ilibada, assemelhando-as às freiras. Caso uma Associada se casasse, já não podia mais tomar parte da Sociedade. Pelos requisitos acima se observa que o aspecto religioso era uma premissa para zelar pela obra que Dona Emília fizera florescer.

O esforço e a abnegação de Dona Emília Meira tiveram seus efeitos sobre as alunas e a sociedade. Ela conquistara a confiança dos pais e o respeito das alunas, por sua dedicação à escola sem nunca se casar ou constituir família, sendo a instituição sua enorme família, com "filhas" muito gratas esta zelosa "mãe", que muitas vezes estava mais próxima destas meninas e moças do que seus pais verdadeiros.

O falecimento de Dona Emília em 24 de março de 1937 representou uma perda dolorosa. Manifestações de pesar vieram de ex-alunas, pais, religiosos parentes e outros conhecidos. A homenagem póstuma foi dada com o enterro da diretora ao lado da capela do Colégio - por uma concessão da prefeitura - em um suntuoso mausoléu, com uma estátua de Dona Emília cercada por duas alunas que a olham com admiração.

A diretora abnegada também é muito admirada por Clarita e exerce um papel fundamental na formação da aluna. O comportamento exemplar de Dona Emília Meira transparece no livro e Clarita enxergou na diretora a figura ideal na busca do bom caminho.

Dona Emília aparece como uma grande conselheira à aluna muito travessa, que constantemente freqüenta seu escritório para ouvir seus sermões e refletir, sentada no banquinho ao lado do armário, sobre suas "más" ações. Clarita é uma aluna bastante aplicada nos estudos, mas no que se refere ao comportamento, ela teria sérias dificuldades para se portar adequadamente. Como ela mesma descreve na obra, estava sempre a correr pelos corredores e perturbando as aulas com risadas, espirros e outras ações inusitadas. Dona Emília precisava chamar a atenção de Clarice várias vezes, tocando a alma da aluna, a fim de que esta enxergasse seus erros e procurasse se comportar melhor, apesar da dificuldade de concretizá-lo.

Nesta obra, fica claro o tom moralizador, que procura incutir nos leitores, assim como na própria Clarita, o comportamento exemplar, obediente e resignado. Clarita se mostra um desafio à diretora, que, com muito esforço, consegue concretizar os ideais da formação das moças, principalmente no que se refere à sua conduta, tanto na escola, quanto na sociedade, a qual estavam destinadas.

A religião exerce um papel significativo no disciplinamento de Clarita e a autora reforça o tom religioso ao longo de sua narrativa. A vida religiosa no colégio era intensa, com missas diárias e possibilidade de se confessar e comungar todos, além de existirem as aulas de religião. Dois momentos marcantes na trajetória escolar são de cunho religioso: a primeira comunhão e o ingresso na Pia União das Filhas de Maria. Esta Pia União era freqüentada pelas alunas verdadeiramente merecedoras, isto é, que se mostrassem virtuosas e obedientes. Clarita enfrentou algumas dificuldades para comportar-se bem e ser aceita na

Pia União, colocando tudo a perder ao discutir com Dona Emília. Ao reconhecer seu erro, a menina se arrependeu profundamente e pôde tornar-se uma Filha de Maria.

As memórias de Maria Clarice oferecem uma perspectiva interessante do internato, pautado por muitas regras, mas que era visto pela autora como um ambiente agradável, apesar dos castigos e sermões. A distância entre a narrativa e a vivência daqueles acontecimentos atenuam alguns momentos mais dolorosos e envolvem o passado em uma aura de pureza e felicidade. Uma leitura atenta desta obra tão rica permite, porém, vislumbrar o cotidiano de um colégio para meninas no início do século XX que, apesar de laico, não abria mão de uma formação religiosa sólida, vista como adequada à formação daquelas mulheres.

#### **Fontes consultadas:**

MARIA, V. (Maria Clarice Marinho Villac) **Clarita no Colégio**, São Paulo: Cristo-Rei, [s.d.];

Discurso de Maria Clarice Marinho Villac para o cinquentenário do Colégio Progresso Campineiro, Reunião de ex-alunas, 1950.

#### **Bibliografia consultada:**

BITTENCOURT, Á. B. - "Educação escolar: Um Compromisso da Família com a Igreja" in ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (orgs.). **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**, Petrópolis: Vozes, 2002;

COELHO, N. N. **Panorama Histórico da literatura infantil juvenil**. São Paulo: Ática, 1991;

CORRÊA, P. K. ; MARTINS, M. C. **Decifra-me ou te devoro: Levantamento e Análise das Fontes sobre Ensino religioso do Colégio Progresso Campineiro na Primeira República (1900 - 1937)**. Trabalho de Conclusão de Curso, Unicamp, 2005;

FREITAG, B. **O indivíduo em formação**, São Paulo: Cortez, 1993;

LAJOLO, M., ZIBERMAN, R. - **Um Brasil para Crianças: Para conhecer a literatura infantil brasileira**. São Paulo: Global, 1993.

---

[1] Este *Prefácio* foi suprimido na obra publicada em 2008.